Raimundo Girão - O Cidadão

VALDELICE CARNEIRO GIRÃO (*)

Às margens do Banabuiú, o rio que os indígenas denominavam de Rinaré, próximo à cidade de Morada Nova, nasceu Raimundo Girão, em 3 de outubro de 1900.

Como ele mesmo testemunhou: *"Nasci nestas ribas do Banabuiú, a não muitas centenas de metros distante, quase nas barrancas do formoso caudal dos invernos fracos e celeiros de salvadoras vazantes nas estiagens mais pronunciadas.."*[1]. *"na Palestina, na casa de taipa do tio Luizinho, tão singela de paredes, de telhas e de chão, e a rústica mansão integrou-se nas minhas querenças, nas minhas recordações mais estremes e meigas"*[2].

Estamos comemorando o centenário do bisneto de Eduardo Henrique Girão, este mais conhecido por Major Eduardo, o sexto filho de Antônio José Girão, o português, proprietário do *Sítio Patos*, e o iniciador da família Girão no Ceará.

Aquele latifúndio foi aos poucos fragmentando-se na sua base física, pelas divisões hereditárias, formando, ao longo do Banabuiú, as fazendas dos Girões; entre elas, o Açude Novo, propriedade de Luís Carneiro de Sousa Girão, a qual foi doada ao nosso homenageado.

O primogênito de Celina Cavalcanti Girão, e de Sousa Girão, como era mais conhecido o escrivão do Cartório do Crime e Júri de Fortaleza, a figura tradicional na sala das audiências, conhecedor dos segredos da profissão, sabedor de direito processual penal como raros advogados. Raimundo Girão excedeu-se em amor

---

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

[1] GIRÃO, Raimundo. **O Centenário de Morada Nova**. 1976.

[2] GIRÃO, Raimundo. **Palestina, uma agulha e a saudades**. Fortaleza, 1984, p. 39.

filial, documentado em trabalhos escritos, como *Os braços de meu pai* e em seu livro de memória, em que lembra o falecimento de sua mãe: *"Não descrevo a dor que me feriu, pois só eu posso avaliá-la, talvez tão lacerante como a de muitos que tiveram a desventura de ver-se privado do santo amor materno, tão aconchegado como o meu. Na minha pobre alma aninhar-se-ia, indelével, outra grande saudade das minhas saudades"* [3].

O menino do sertão, ao deixar seu habitat, fez estágio na região serrana de Maranguape, para depois, em 1913, fixar residência na capital litorânea. A Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção, que ele tanto cantou e enalteceu.

Em palestra proferida na Casa de Juvenal Galeno, por ocasião do aniversário de fundação do Município, Raimundo Girão assim interpreta Fortaleza: *"A princesinha criança do século 17 acha-se na plenitude feminil de 1954; mulher feita, integral nas funções, na forma e na formosura, no seu todo grácil de deusa da Fantasia, de Princesa imperante, confusamente imperante, como imperam no mundo de agora todas as princesas"* [4].

Dr. Girão amou Fortaleza tanto quanto um filho muito amante.

Não esqueceu, porém, o seu torrão natal, a sua Morada Nova, exaltando-a quando tinha oportunidade o fazer.

Ao discursar, em 1976, por ocasião do Centenário daquela cidade, relembra passagens que merecem transcrição: *"O menino da Fazenda Palestina um dia seria arrancado desse embevecimento e iria para longe, com os pais forçados a tantos pelos desencontros do destino. Mas todos os anos com eles voltava em viagens lentas e cansadas, no desígnio, deles e meu, de reolhar os gados que deixaram, a fazenda que deixaram, os amigos que deixaram e matar as saudades que deixaram.*

E dessa forma, sentia eu, mais e mais, que me morada-novizava, sentia-me misturado aos encantos do meu sertão, do sertão dos meus avós, do sertão dos meus tios e primos que me

[2] GIRÃO, Raimundo. **Palestina, uma agulha e a saudades**. Fortaleza, 1972, p. 70.
[4] GIRÃO. Interpretação de Fortaleza - in: **Retratos de Fortaleza**. Ed. Instituto do Ceará, 1954.

recebiam carinhosamente (...) Relembro tudo: a gente, os bichos, os currais, as casas, os pátios largos e limpos, onde o gado pastava ou malhava tranqüilo, onde o vaqueiro intrépido derrubava bois e amansava poltros bravos, e onde eu brinquei com os outros meninos (...) galopei vaidoso nos meus cavalos de talo, matei passarinhos de baladeira, pratiquei as diabruras dos meninos impossíveis, sorri, chorei, era feliz!!!"[5].

Em suas análises histórico-sociológicas, entre o homem do mar e o do sertão, assim opinava: *"os arroubos de admiração ao jangadeiro têm-nos levado à injustiça de esquecer o vaqueiro, a mais legítima configuração do homem sertanejo. E cabe-nos a nós todos o movimento reparador que a nossa omissão não concretize uma injúria"*[6].

E ele continuamente solidificou esse movimento e prestou homenagens significativas ao homem do campo, primeiro, criando um Museu do Vaqueiro em Fortaleza no período de sua estada como Secretário de Urbanismo do Município - museu desativado após a sua administração. Posteriormente inaugurou um outro em Morada Nova, em pleno sertão da caatinga, região que se distingue pela característica mais acentuada - o criatório.

Visitar Morada Nova era motivo de alegria e encantamento para Raimundo Girão. Visitava-a com freqüência assídua, até mesmo quando seu estado de saúde não estava bom.

Os primeiros estudos daquele moradanovense ilustre foram realizados em Maranguape, onde freqüentou a escola pública dirigida pela professora Ana de Oliveira Cabral, a D. Naninha por ele homenageada com uma bela crônica escrita no jornal *O Povo*, de 17 de abril de 1959.

Do Colégio São José daquela cidade, transferiu-se para Fortaleza, matriculando-se, em 1914, no Colégio Colombo e, em 1915, no Liceu do Ceará, como o aluno número 132, onde concluiu os preparatórios para ingressar no Curso Superior, em 1918, na recém-criada Escola de Agronomia. Dr. Girão, entretanto, logo

[5] GIRÃO, Raimundo. **O Centenário de Morada Nova**. 1976.
[6] Idem

optou pela Faculdade de Direito, concluindo-a em 1924. Seu doutoramento, o fez na mesma Faculdade, havendo escolhido como tema de sua tese: *O Fenômeno Freudiano e a Criminologia* o que lhe outorgou distinção na colação de grau, classificando-se em primeiro lugar.

Ao concluir o Curso Jurídico, Raimundo Girão passou a exercer a advocacia com decência de conduta e retidão. Antes, porém, ainda como estudante, submeteu-se ao concurso de telegrafista, sendo admitido nessa profissão em 1921, desempenhando concomitantemente a função de escrevente do Cartório de seu pai, onde se familiarizou com os serviços e com os homens da Justiça.

Quando chamado à vida pública, levou consigo disposição invulgar de bem servir ao seu Estado.

Em 1931, na gestão do prefeito Major Manuel Tibúrcio Cavalcanti, seu tio e amigo, assumiu a Secretaria Geral da Prefeitura de Fortaleza. Nomeado depois para o Cargo de prefeito interino, foi efetivado no ano seguinte com apenas 32 anos de idade, por ato do então Interventor, Roberto Carneiro de Mendonça.

Criado o Tribunal de Contas do Ceará, em 1935, Raimundo Girão passou a ocupar o cargo de juiz daquela egrégia Instituição Pública, aposentando-se em 1956, depois de vinte e um anos no exercício de Ministro, acumulando as funções de Consultor Jurídico da Associação Comercial do Ceará e de Presidente da 2ª Junta de Conciliação e Julgamento do Município de Fortaleza, quando passou a compor a Comissão do Plano da Cidade, restaurado pelo Decreto Municipal nº 450. Ingressou no magistério em 1946, como Livre-Docente da Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará: sob seu encargo, a disciplina Estudo Comparado das Doutrinas Econômicas. Em 1957, assumiu a cadeira de História Econômica Geral e do Brasil, na recém-criada Escola de Administração do Ceará, onde ocupou também as funções de primeiro Diretor dessa Casa de Ensino.

Criada a Secretaria Municipal de Urbanismo de Fortaleza, em 1960, foi nomeado seu primeiro titular. Na gestão do Governador Franklin Chaves, dirigiu a Secretaria de Educação do Estado, respondendo em outras oportunidades, pela mesma Instituição. A

partir de 3 de outubro de 1966, passou a exercer o cargo de Secretário de Cultura da recém-criada Secretaria, da qual foi o idealizador, posto que ocupou com brilho e entusiasmo, até 12 de março de 1971, quando encerrou a carreira pública.

Sua capacidade de trabalho era invulgar. Representou o Ceará em congressos, proferiu conferências no Estado e fora dele, compôs comissões, muitas delas como presidente. Fundou e organizou associações, destacando-se, entre elas, o Rotary Club de Fortaleza, Instituição que presidiu por duas vezes, ocupando, ainda, as funções de Secretário, Vogal, Diretor de Protocolo e Relator do Boletim. Presidiu o Clube Iracema. Foi membro diretor do Conselho Administrativo do Asilo de Mendicidade do Ceará. Procurador e Mordomo da Beneficente Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza. Assistente da Comissão Central da Legião Brasileira de Assistência. Presidente da Associação Cultural Franco-Brasileira - 1952-53. Diretor do Museu Histórico e Antropológico do Ceará, hoje Museu do Ceará. Sócio e Presidente de Honra da Sociedade Cearense de Geografia e História e tantas e tantas outras atividades...

Foi, porém, na esfera intelectual que a estrela de nosso homenageado brilhou com mais intensidade. Com apenas 18 anos de idade, aluno do Liceu, já aparece como um dos colaboradores da Revista 19 de Outubro, órgão do Grêmio Farias Brito, em seu número inaugural, assinar a crônica *O Condor*. Talvez aí se tenha dado início de sua brilhante carreira de escritor. Na oratória, estreou, em 1924, em nome do corpo discente da Faculdade de Direito, na festa comemorativa de 11 de agosto, data da fundação dos Cursos Jurídicos no Brasil, com o tema: *O Direito e a Mulher como fatores sociológicos*. Versou, em sua produção cultural, sobre História, Geografia, Sociologia, Direito, Genealogia, Economia Política e Literatura, compreendendo cinqüenta e três títulos, entre livros e opúsculos; dezoito participações em obras coletivas, organização de doze obras de assuntos diversos. Os artigos publicados em periódicos e jornais alcançaram quase cinco centenas, além de prefácios e folhas soltas. São trabalhos da maior importância, de modo especial, aqueles referentes à História do Ceará. Obras de mérito indiscutível como História Econômica do Ceará;

Os Municípios Cearenses e seus Distritos; Geografia Estética de Fortaleza, entre outros.

No seu livro de memórias *Palestina, uma Agulha e as Saudades* aparece o filósofo com mensagem de fé e otimismo, exaltação ao amor, ao perdão e à renúncia.

Merecidamente tomou posse como Sócio Efetivo do Instituto do Ceará em 20 de julho de 1941, acompanhado de Dolor Barreira, Plácido Aderaldo Castelo e João Nogueira.

Dotado de alto espírito de objetividade e dinamismo, logo procurou dar o máximo de seus esforços ao Velho Grêmio, por ele adotado como desdobramento do seu próprio lar. Seu trabalho foi intensificado a partir de 1948, quando eleito Secretário Geral, função que exerceu por oito anos, com o mais vivo entusiasmo. No Instituto do Ceará, Raimundo Girão exerceu todas as funções, renovadas em cada eleição da diretoria. Em 1985, recebeu o título de Presidente de Honra da Agremiação, título de que muito se orgulharia.

Para a Academia Cearense de Letras foi eleito em 1951, ocupando a cadeira nº 21, tendo como patrono José de Alencar. Aí, não foi menor sua participação. No seu livro de Memórias, ao comentar sua escolha para presidente da Academia, disse: *"A presidência da Academia não foi a primeira que exerci... Nunca solicitei nenhuma dessas posições distintas. Vieram a mim, e o que fiz foi desdobrar-me para não desmerecê-las. Outorgações de tal porte são desafios a que se há de dar fiel resposta. Penso que respondi"*[7].

Sócio efetivo e correspondente de outras tantas instituições do seu Estado e fora dele; tudo documentado pelas medalhas, diplomas e comendas recebidas.

Não obstante essa bagagem intelectual, continuou modesto, a ponto de não se julgar um historiador, no sentido da palavra, mas apenas um "aprendiz da história".

Solícito, amável, jamais negou o prefácio de um livro ou qualquer outra informação, fosse a um intelectual de renome ou a um iniciante nas letras.

[7] GIRÃO, Raimundo. **Palestina, uma agulha e as saudades.** Fortaleza. 1972. p. 214.

Apesar de um temperamento moderado, tranqüilo, e apaziguador, o Presidente de Honra do Instituto era consciente da representatividade de sua obra, para o Ceará, razão para não hesitar em defesa de suas teses, exímio defensor da verdade, ainda mesmo que, para isso, tivesse que enfrentar intransigências e paixões.

Com uma postura de autêntico historiador, Dr. Girão privilegiou o holandês como responsável pelo inicio do núcleo urbano de Fortaleza, justificando, através de pesquisa documental haver, ao derredor do Forte Schoonenborch surgido a Capital, resultando, dessa pesquisa, o livro *Mathias Beck, o Fundador de Fortaleza*, obra que, na sua segunda edição, denominou de *A Cidade do Pajeú*.

Privilegiado em memória, discorria sobre História do Ceará ou outros assuntos, citando nomes, datas e acontecimentos. Redigia com rapidez, precisão e ordem, a ponto de não usar borrões quando escrevia.

Organizado, sabia dividir as atividades de maneira a não prejudicar seus fins de semana no sítio Passaré, assim analisado por ele: *"a mansão que passou a ser-me digo sempre - o refúgio das minhas covardias; aí é que me protejo das minhas evasões"*.

Julgava-se um homem realizado e o foi, não só na luminosa carreira das letras, como nas demais por ele percorridas.

No lar, com a companheira que qualificou, em seus escritos, de sua *Estrela Guiadora*, ele agradecia a Deus, o risonho panorama de felicidade, dos seus quase sessenta e um anos de paz conjugal, completada com uma prole de dez filhos, acrescidos de genros, noras, netos e bisnetos que ele orgulhosamente. comandava.

Ao comemorar os 50 anos de seu matrimônio, Raimundo Girão, escreveu em folha solta: *"Deus, o destino, a boa estrela, conforme queiram, trouxe a ternura de uma mulher, que seria a minha doce inspiração da estrada que eu vinha pisando e seria uma voz, o meu conselho, a medida milimétrica dos meus atos e procedimentos: uma verdadeira dádiva do Poder Divino"* [8].

[8] GIRÃO, Raimundo. **As Bodas**. 1976.

Meus amigos, aqueles que privaram do convívio do nosso homenageado serão capazes de aquilatar a sinceridade de minhas palavras e o exemplo de cidadania, deixado pelo Dr. Girão, o qual podemos constatar nos seus escritos: *"Cada homem precisa compreender que a sua felicidade é fazer sempre alguma coisa e sentir-se contente com o que foi feito, e convencer-se de que pode ainda ser feita alguma coisa mais, e procurar fazê-lo, e não cotejar nunca o que conseguiu com aquilo que os outros conseguiram, e não medir o trabalho alheio, antes de admirá-lo como exemplo de que pode fruir resultados; ... satisfazer-se com o que vai alcançando, contar que hoje é mais do que foi ontem, dignificar de fato a personalidade, que agora é mocidade, amanhã será velhice, mas que deve sempre conservar a alegria de viver, e não a alegria que depende do tempo, que é vaidade e engano.*[9]" Completando com o pensamento de Eduardo Henrique Girão, *"Não iluminarás a casa, buscando no céu a luz das estrelas.*[10]" *"Eu procurei outras fontes de luz para iluminar a minha".*

Ao concluir a minha modesta apreciação sobre o nosso Girão, observo quanto são sábias as palavras do velho pensador Eduardo Girão, ao escrever:

"Ao escritor que deve consolar não é o aplauso do momento; é a convicção de que, na posteridade será lembrado e relido.[11]"

(Palestra pronunciada no dia 5 de setembro de 2000).

[9] GIRÃO, Raimundo. **Palestina, uma agulha e as saudades.** Fortaleza. 1972. p. 214.
[10] Idem
[11] GIRÃO, Eduardo. **Frases e Conceitos.** Fortaleza. Imprensa Universitária do Ceará. s/d.